anxa
91-B
2062

EXPOSIÇÃO SOUSA-LOPES

Pintura a oleo
Desenho
Agua-forte

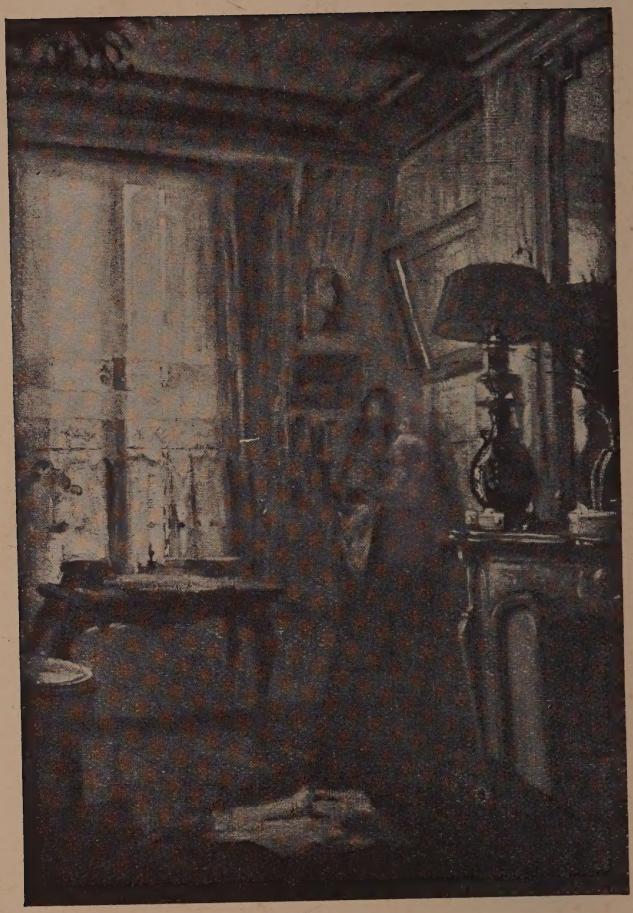
CATALOGO
com prefacios de
JOSÉ DE FIGUEIREDO
e
AFFONSO LOPES VIEIRA

SOCIEDADE NACIONAL
de
BELAS ARTES

LISBOA
1 9 1 7

O MUNDO DO LIVRO
L. da Trindade, 11 - 13
Tel. 2 9951 — LISBOA

Cat. 1, n° 723



O *ATELIER* DO ARTISTA, EM PARIS

QUADRO DE SOUSA LOPES

LISTA DOS PREÇOS

1.....	800$00	23.....	300$00
3.....	400$00	24.....	550$00
4.....	500$00	25.....	500$00
5.....	220$00	26.....	300$00
6.....	500$00	27.....	380$00
7.....	500$00	28.....	200$00
8.....	400$00	29.....	300$00
9.....	700$00	30.....	350$00
10.....	700$00	31.....	650$00
11.....	800$00	32.....	960$00
12.....	900$00	33.....	800$00
14.....	750$00	34.....	760$00
15.....	600$00	35.....	350$00
16.....	450$00	36.....	500$00
17.....	320$00	37.....	250$00
18.....	1.500$00	38.....	350$00
19.....	2.000$00	40.....	450$00
20.....	800$00	41.....	360$00
21.....	1.500$00	42.....	1:200$00
22.....	360$00	45.....	.....

66.....	300₱00	103.....	300₱00
68.....	200₱00	108.....	250₱00
71.....	220₱00	109.....	220₱00
73.....	220₱00	110.....	160₱00
74.....	125₱00	111.....	150₱00
75.....	180₱00	113.....	160₱00
76.....	150₱00	115.....	120₱00
77.....	200₱00	116.....	250₱00
78.....	250₱00	117.....	200₱00
79.....	250₱00	118.....	160₱00
80.....	180₱00	119.....	180₱00
81.....	160₱00	120.....	160₱00
82.....	250₱00	121.....	300₱00
84.....	200₱00	122.....	350₱00
85.....	160₱00	123.....	260₱00
86.....	160₱00	124.....	200₱00
87.....	180₱00	125.....	300₱00
88.....	150₱00	126.....	350₱00
90.....	200₱00	128.....	160₱00
92.....	240₱00	129.....	200₱00
93.....	300₱00	130.....	250₱00
94.....	300₱00	131.....	180₱00
95.....	250₱00	132.....	200₱00
96.....	180₱00	133.....	200₱00
97.....	170₱00	134.....	250₱00
98.....	180₱00	135.....	220₱00
100.....	180₱00	136.....	200₱00
101.....	180₱00	137.....	180₱00
102.....	160₱00	138.....	200₱00

139.....	125₱00	178.....	100₱00
140.....	180₱00	179.....	200₱00
141.....	200₱00	180.....	250₱00
142.....	300₱00	181.....	80₱00
143.....	140₱00	182.....	160₱00
145.....	100₱00	183.....	80₱00
146.....	100₱00	184.....	75₱00
147.....	180₱00	185.....	125₱00
149.....	140₱00	186.....	120₱00
150.....	150₱00	187.....	160₱00
151.....	100₱00	188.....	120₱00
152.....	250₱00	189.....	60₱00
153.....	180₱00	191.....	220₱00
154.....	150₱00	192.....	120₱00
156.....	150₱00	193.....	120₱00
157.....	120₱00	194	180₱00
159.....	130₱00	196.....	250₱00
160.....	100₱00	197.....	100₱00
161.....	180₱00	198.....	65₱00
165.....	200₱00	199.....	140₱00
168.....	100₱00	200.....	60₱00
169.....	80₱00	201.....	180₱00
170.....	200₱00	202.....	125₱00
171.....	250₱00	202 (A...	250₱00
172.....	160₱00	203.....	60₱00
174.....	150₱00	204.....	60₱00
175.....	80₱00	207.....	250₱00
176.....	100₱00	208.....	180₱00
177.....	80₱00	210.....	100₱00

212.....	25$00	229.....	30$00
213.....	80$00	231.....	30$00
214.....	50$00	232.....	150$00
215.....	70$00	233.....	40$00
216.....	45$00	234.....	60$00
217.....	50$00	235.....	40$00
218.....	30$00	237.....	30$00
219.....	30$00	238.....	25$00
220.....	50$00	239.....	25$00
221.....	40$00	240.....	70$00
222.....	35$00	241.....	130$00
223.....	25$00	242.....	80$00
224.....	25$00	244.....	120$00
225.....	40$00	245.....	25$00
226.....	50$00	246.....	20$00
227.....	50$00	247.....	30$00
228.....	25$00	248.....	40$00

EXPOSIÇÃO
SOUSA-LOPES

Pintura a oleo
Desenho
Agua-forte

CATALOGO
com prefacios de
JOSÉ DE FIGUEIREDO
e
AFFONSO LOPES VIEIRA

SOCIEDADE NACIONAL
de
BELAS ARTES

LISBOA
1 9 1 7

Tipografia « A Editora L.ª » — Conde Barão, 50 — Lisboa

O artista, ao fazer em Lisboa a primeira Exposição das suas obras, recorda, com o maior enternecimento do seu coração, os nomes dos grandes amigos que o auxiliaram no começo da sua carreira. E igualmente inscreve os nomes dos seus ilustres mestres, e lembra o de outros seus amigos devotados

Rodrigo Lopes d'Oliveira

D. Elisa G. da Silveira e Oliveira

M. Vieira Natividade

Ramalho Ortigão

Dr. Affonso Xavier Lopes Vieira

Dr. Barreto Perdigão

Dr. Francisco Zagallo

Luciano Freire

Veloso Salgado

F. Cormon

Carlos Ahrends

Columbano

Antonio d'Andrade

Carlos Alberto
Colombano
Antonio d'Andrade

O PINTOR SOUSA LOPES

COM um nome nos grandes meios cultos e louvado ali por quem tem auctoridade para o fazer, Sousa Lopes, é entretanto, muito pouco conhecido entre nós, por o artista, apezar de nascido, creado e educado em Portugal, ter realisado essa coisa assombrosa n'esta pequena e ridente terra da beira-atlantico: — vir a publico com uma exposição de conjuncto, só apoz os trinta anos de edade e já com uma solida bagagem, em que os meus compatriotas, acostumados a depararem, correntemente, com revelações de artistas prodigos de mocidade e escassos de saber, verificarão com espanto existirem obras que, honrando um mestre, datam de 1904, isto é, de ha 13 anos!

Severo, porem, para consigo mesmo e insatisfeito, como todos os grandes temperamentos, Sousa Lopes, que é um forte na acepção mais alta da palavra, tem sabido esperar; e a

reunião das suas obras não representa, por isso, nem o balbuciar cheio de interrogações de muitos, nem a comprovação de ignorancia e incompetencia de outros, mas a demonstração de um talento solido, nascido para a arte, e que dela soube fazer, como era mister, o grande e verdadeira fito da sua vida.

Com a afirmação de beleza que as obras que a compõem encerram, a exposição agora aberta ao publico é assim tambem uma altissima lição, lição, dia a dia, mais necessária entre nós, e que, aproveitando a todos, deve entretanto ser meditada sobretudo pelos novos que, nela, poderão aprender como a obra de arte para ser grande necessita de ser conscienciosamente estudada, sendo essa a unica maneira de se chegar à sobriedade de processos que, em Sousa Lopes, como em todos os verdadeiros artistas, não é senão a simplificação longa, inteligente e penosamente procurada. Um traço, uma mancha, para que estejam verdadeiramente no seu logar e tenham a «consciencia» que recomenda, nos seus escritos, o genial creador da «Gioconda», devem, em verdade, representar conhecimentos que, na propria precocidade do autor da «Fornarina», eram já o resultado de uma

evolução, embora prematura. E Rafael que, com Miguel Angelo e o pintor do «Cenacolo», constitue um dos elementos dessa, sobre todas, augusta Trindade da Arte, foi entretanto, dos tres, o que menos longe foi nesse supremo fito «intelectivo», de que, com tão grande conhecimento de causa, fala o mais profundo de todos: Vinci.

*

* *

Pintor-nato e revelado por um conjuncto de circunstancias que já hoje constituem o sugestivo romance da sua adolescencia — romance que é, de resto e pouco mais ou menos, o de todos os grandes artistas que, como ele, nasceram longe das oficinas e meios artisticos — Sousa Lopes, mais com a recomendação do seu talento do que com a nobilissima carta que a Luciano Freire dirigiu o grande escritor Ramalho Ortigão, entrou para o *atelier* d'aquele ilustre mestre, no pateo do Martel; e ali e, depois, na Escola de Belas Artes, de começo tambem com Luciano Freire, e, mais tarde, com Veloso Salgado, fez a sua aprendizagem, afirmando-se de forma a, apenas com

dois anos da cadeira de pintura, ser nomeado pensionista em Paris.

Trabalhando, em Paris, com Cormon, Sousa Lopes radica ainda ahi mais, como já o tinha feito antes com Salgado, a educação solida com que Luciano Freire procurara formar logo, desde o primeiro momento, o moço artista, na exacta comprehensão dos seus deveres de professor, que entende que a missão do mestre consiste, sobretudo, em fornecer aos discipulos os elementos que lhes permitam exprimir mais tarde, com o menor numero possivel de defeitos e hesitações, o que o seu genio ou o seu talento tenham porventura a exteriorisar. E é assim já, com a base de um desenho seguro e o perfeito conhecimento da perspectiva linear e aeria, que Sousa Lopes, na sua ancia de tudo conhecer e no fito de ampliar constantemente os seus meios de realisação, se encontra em Paris, onde os mestres antigos e modernos lhe falavam atravez das suas obras em uma linguagem nem sempre identica e harmonica. Como o artista escutou e comprehendeu esses seus irmãos mais velhos, que para os moços aparecem com a aureola, nem sempre inofensiva, do triunfo, dizem-no as suas obras agora expostas e, fe-

lizmente, dizem-no por maneira que provam que Sousa Lopes, não esquecendo que em arte, como em tudo, não é grande o que renega a tradição, não deixou tambem, um só momento, de ter como fito essencial: aproximar-se da natureza, procurando traduzil-a o mais profunda e sinceramente possivel.

Sem tempo agora para largar explanações, que a importancia excepcional da obra de Sousa Lopes impõe, limitar-me-hei a destacar das telas, desenhos e gravuras expostas, as que mais nitidamente documentam a evolução do artista, comprovando com elas o que atraz dissemos e mostrando quanto são grandes e multiformes as suas admiraveis qualidades.

É em 1903 que Sousa Lopes chega a Paris, e com a ancia que seria natural em um temperamento ainda menos avido de conhecer do que o d'ele, poucos mezes lhe são necessarios para correr os museus, ferindo desde logo o seu espirito as obras dos impressionistas expostas no museu do Luxemburgo. N'aquelas telas, em que ha para ele uma nova linguagem, impressionam-no sobretudo a abundancia de luz fundamental em todos esses inovadores, que já então se achavam ali representados em conjunto, e em que Degas

e o proprio Monet, comparados com os outros, pareciam verdadeiros e entranhados classicos.

Apto pelo seu temperamento a sentir tudo, mas com as raizes profundas da sua sinceridade e do saber adquirido, Sousa Lopes não se põe, porem, como tem feito, infelizmente, muitos artistas, a copiar os processos d'esses pintores, em que entretanto reconhece logo muito de bom e verdadeiro. E cautelosamente, e emquanto procura, em face da natureza, verificar a exactidão dos processos que acabava de surpreender, continua realisando, com toda a sinceridade e com os meios de que dispõe, os assuntos que tem a traduzir. O retrato de Mme. Filipe Leitão, que data de 1904, ahi está a comprovar o que dizemos, mostrando que o artista não dá um passo sem que a evolução se tenha operado no seu espirito, de forma que, deante do modelo, as conquistas que vae fazendo as utilise, por assim dizer, inconscientemente, por elas constituirem já uma base do seu modo de ser no momento em que o pintor trabalha. D'uma grande sobriedade, esse retrato, em que a mascara e as mãos são quasi tudo, sem que apezar d'isso essa tela perca na harmonia

admiravel do conjunto, é, em relação á sua obra de algns anos atraz, uma obra classica e a que se pode aplicar ainda a regra do semi-deus da Renascença: « Fazei socegadas as vossas figuras quando isoladas, tornando-as só activas pela expressão ». E isso sem que o desenho que, ainda no dizer de Vinci, só deve ter um fito: « a apotheose do corpo humano », sofra um só momento. A mão direita, por exemplo, pendente e executada já quasi na sombra, se é admiravel como expressão, é tambem uma verdadeira maravilha de modelado e realisada com a mesma segurança com que o seria se fosse feita pelo processo cauteloso que o grande mestre quinhentista indica: « feita por completo a claro escuro antes de ser pintada ».

Tinha Sousa Lopes, na epoca em que pintou este retrato, attentado especialmente na obra de Jacques Blanche? É possivel, pois ha n'esse retrato uma vaga sugestão do estilo d'esse admiravel retratista. Mas Sousa Lopes, quando o realisou, não pensou em Jacques Blanche, como não pensou tambem no precursor do pintor francês, o grande Van Dyck, de quem havia aliás de fazer mais tarde, como prova de pensionato, uma bela copia, exacta

como caracter, apezar de diferente como processo, demonstrando assim mais uma vez a independencia e originalidade do seu temperamento.

*

* *

Não esquecendo a tela: «Perolas e Violetas» (1905), que é mais uma afirmação do grande talento de decorador de Sousa Lopes, com a tela o «Retrato de um cinzelador» estamos já no fim da primeira fase do artista, podendo este ultimo quadro ser mesmo considerado uma obra de transição para a fase seguinte, em que o pintor se nos revela na posse plena dos elementos com que, lenta e victoriosamente, ia, dia a dia, enriquecendo a sua paleta. Realisado em 1907, ano da sua primeira viagem a Veneza, de onde o artista, apezar da curta demora, trouxe, entre outras telas interessantissimas, o lindo «Efeito da manhã na laguna», este retrato, que é uma obra de arte magnifica em que a luz é já, por assim dizer, a côr unica, prova bem que Sousa Lopes soube ver com vantagem o que havia de bom no novo movimento de arte.

Veneza é que ia entretanto ser, para o moço

pintor, a grande reveladora. Profundamente instinctivo e ganhando sempre, como o gigante mitologico, novas forças ao defrontar a sua grande musa, a natureza, Sousa Lopes, voltando á cidade dos Doges, em 1908, com maior demora e em plena primavera, isto é, quando essa admiravel região explende em toda a sua maravilhosa riqueza chromatica, teve, pela primeira vez, a visão que até ahi procurara, com incompleto exito, nas obras dos novos mestres e na paisagem francesa. E a impressão foi tão funda que, ao lado de Turner, Ruskin e de tantos outros artistas do pincel e da penna, modernos e antigos, Sousa Lopes tomou logar desde logo nessa admiravel, e cada vez maior, falange dos « amantes » da cidade, sobre todas, espiritualmente sensual.

E se, sob o ponto de vista da luz, a terra de Giorgione e Veronese não podia constituir, para o artista nascido e creado em plena Extremadura portuguesa, a surpresa que foi para aqueles dois artistas do norte da Europa, nem por isso a gama colorida e constantemente variada d'essa cidade em que a atmosphera, intermedia entre a da terra firme e a do alto mar, tem, nas fachadas dos seus palacios, as

gemas mais belas para se reflectir e se multiplicar, deixou de o impressionar profundamente. Ahi, portanto, mais do que em Monet, Renoir ou Besnard, é que é preciso procurar a razão de ser da sua transformação, porque, nunca é demais repetil-o, Sousa Lopes, deante da natureza, só tem um fito: traduzil-a sem a menor preocupação de processo e sem que, pelo menos conscientemente, entre a sua retina e o modelo se interponha a suggestão de qualquer artista ou escola.

Destacar de entre os trabalhos que Sousa Lopes realisou desde então em Portugal ou no extrangeiro quaesquer telas, é difficil, tão superiores são todas, desde as suas pequeninas manchas, em que o artista surprehendeu com a maior intensidade um aspecto em flagrante, dando-nos a natureza, ou na luz fina e fria da manhã, ou á hora vibrante do meio dia, ou ainda na atmosfera mais doce e menos limpida do crepusculo, até quadros como o «Cirio de Santa Suzana» que, absolutamente original, eguala em valor as melhores telas da primeira e superior maneira de Sorolla. De grandes dimensões e realisada largamente, sem que nada de que a compõe seja desnecessario ao efeito de conjunto, essa tela não

tem entretanto nada de scenografico, escolho em que cahem geralmente os que, sem o poder e a honestidade de Sousa Lopes, se abalançam a obras da importancia d'esta. É ver, ao acaso, uma das suas figuras, por exemplo a que cavalga no primeiro plano á esquerda, e atentar no seu caracter admiravel, na modelação rigorosa da cabeça e mãos e na construção de todo o corpo, que pesa a valer sobre o animal que a carrega, o qual, por sua vez, é flagrante da vida e movimento. A luz, que tudo banha unificando a scena, é egualmente magnifica, merecendo reparo especial a maneira como o artista traduziu os reflexos que veem bater sobre as fachadas da casaria perfilada á direita e o contraste que assim conseguiu, com o ceu de opala que para cima explende.

E este poder de luminosidade, que é, no artista, dia a dia mais forte, permittindo-lhe verdadeiros prodigios como o «Estudo ao ar livre» (n.º 24 do catalogo), em que Sousa Lopes obtem, com o exclusivo emprego de «complementares», efeitos que o proprio Renoir não conseguiu com o emprego procurado e forçado de valores, não o desnorteia, voltando antes o pintor a realisar com a indis-

pensavel fusão de tons os assuntos em que a luz, nas horas de transição ao ar livre, ou no ambiente, ainda mais velado, dos interiores, como na tela «Recanto do meu *atelier*», lh'o impõem.

E para que não possa haver duvidas sobre este ponto, qne é a afirmação mais alta que um artista pode dar da posse de si mesmo, ahi temos as suas aguas-fortes a dizerem-nos, por uma forma superior, do que é capaz o homem que, a pequena distancia, realisa o «Retrato de Francisco Carneiro» (1911), a admiravel tela «Abrindo casas» (1912) e a extraordinaria mancha «Apanha de laranjas» (1913), em que no vermelho dourado dos fructos parecem ter ficado os proprios raios do sol a flamejar.

A arte dificilima da agua-forte que, pelo menos superiormente, não tinha ainda sido feita entre nós, pois as proprias tentativas de Sequeira, que podia ter sido um admiravel agua-fortista, nunca passaram de meros ensaios, encontrou em Sousa Lopes um alto interprete, e tão excepcional e ousado que está realisando o que supomos ser uma novidade, aqui e lá fóra: o retrato em tamanho natural. Conheciamos já a sua «Cabeça de satiro»,

mascara de um grande vigor e que tem a superioridade de, sendo bem moderna e pessoal, lembrar pelo seu caracter admiravel as melhores figuras do genero de Jordaens. Mas nem por isso vimos sem surpreza as restantes paginas, pois elas mostram no artista qualidades altissimas que, embora já reveladas na sua pintura, só a agua-forte, com o seu caracter especial, podia mostrar-nos inteiramente.

E, coisa curiosa, este apaixonado fremente das grandes claridades — em cuja obra os efeitos nocturnos são excepção e que, em alguns quadros realisados no *atelier,* como no «Abrindo casas», leva o seu modelo para jnnto das largas vidraças, procurando-lhe assim um ambiente similar do ar livre e não hesita perante audacia alguma para fazer vibrar os proprios brancos imersos na sombra — , ao realisar a agua-forte, foge das amplas sacadas do seu *studio,* deixando apenas penetrar a luz, ou coada atravez das espessas cortinas, ou canalisada por estreitas frestas, comprazendo-se assim, na esteira de Rembrandt, no jogo sugestionante e maravilhoso dos procurados contrastes.

Vergado sobre a prancha e com a chapa de cobre coberta e pronta para receber a incisão

do estilete, é a sugestão cheia de misterio do imprevisto que tem diante de si que leva o pintor por esse caminho, com que parece querer tornar a sua arte essencialmente objectiva em uma arte mais subjectiva e psiquica? Ou é antes o seu amor das belas e gordas materias, ricas de empastamentos e efeitos luminosos, que o leva a procurar, na profundidade das sombras, o que, realisando em plena luz, não podia dar-lhe o tracejado seco das linhas? É dificil a resposta a este interessante problema, cuja solução não pedimos sequer ao pintor, certos de que ele seria o ultimo a saber nol-a dar, tão obscuras são, nos verdadeiros temperamentos, as determinantes das suas evoluções e modos de ser.

Mas seja como fôr, o passo já está dado por Sousa Lopes, e os resultados d'esse novo aspecto da sua arte, que o futuro nos ha-de mostrar por completo, só podem ser beneficos para a sua visão e para a sua paleta, enriquecidas assim, ainda mais, com novos conhecimentos e larguissimos horisontes.

Março de 1917.

JOSÉ DE FIGUEIREDO

DUAS PALAVRAS DE UM CAMARADA

ADRIANO de Sousa Lopes pertence a essa rara familia de artistas que, como o velho mestre Giotto, nascem pintores tam naturalmente como nascem homens, e que, ainda meninos, começam a desenhar expontaneamente e extasiadamente tudo que vêem. Então, porque o Destino os chame com o imperio das vocações mais belas, ei-los que partem um dia para as longes terras do seu Sonho, trazendo no bornal de peregrinos, que adoradas mãos maternais piedosamente prepararam, as magas forças do talento, da vontade, da ambiciosa quimera e do enamorado anseio da Beleza.

Adolescentes, penetram nas Escolas, onde professores e condiscipulos depressa os reconhecem como eleitos. E, depois, na idade em que tantos outros se procuram ainda a êles

proprios, esses excepcionais artistas aparecem-nos com o prestigio de jovens mestres admiraveis, exprimindo e evocando com poesia a alma radiosa ou saudosa de suas patrias. É esta a linhagem de que o moço mestre Sousa Lopes descende, — e a sua actual exposição com eloquencia magnifica o testemunha. Pintor-poeta, compositor de ritmos musicais de côr, de expressões sonhadoras e misteriosas, amoroso dos hinos ao Sol e das mais reconditas penumbras, tudo exprimindo por meio de uma tecnica prodigiosa, êle surge-nos, a seguir a Columbano, como um alto continuador da grande tradição portuguesa de Pintura, como um bom neto dos nossos Primitivos, descendente, por varonia, dos principes da Raça, — de Nuno Gonçalves, de Cristovam de Figueiredo, do mestre de Tarouca, — de aqueles nossos Maiores na arte de pintar, que para os artistas do pincel significam o mesmo excelso brasão de nobreza e a mesma guarda e amparo tradicional e inspirador que para os artistas do verso representam os trovadores dos nossos Cancioneiros e os bucolicos das Eclogas pre-rafaelitas. Pintor português, fiel à sua grey pelo lirico e forte sentimento evocador e enamorado

sempre dos seus temas, para êle as viagens e os estudos em Paris e na Italia serviram tambem para desenvolver, no misterio do subconsciente e na palpitação do sangue natal, — mesmo pintando alheios aspectos, — o amor infinito da Patria, nas suas praias e nos seus campos, na sua legenda e na sua graça, nas suas côres e linhas que a vizinhança do mar adoça com a ternura de um veu de lagrima saudosa. Perante esta exposição, Portugal ficará sabendo que possui mais um grande pintor. E estas duas palavras de um camarada do artista, que com êle mantem desde a adolescencia relações de intima camaradagem espiritual, inspiram-se em verdade na bela alegria de reconhecer que Portugal conta mais um Poeta que á maravilha sente e ama e exprime.

Lisbôa, Fevereiro de 1917.

AFFONSO LOPES VIEIRA.

CATALOGO

CATALOGO

TELAS

1 — O Cinzelador
2 — O Cirio
3 — Bruges — Pateo
4 — Bruges — Ponte dos Espanhoes
5 — Bruges — Canal
6 — Efeito de luar — Veneza
7 — Amendoeiras em flôr
8 — Pôr do sol — Veneza
9 — A Azenha (Alemtejo)
10 — A casa da lavadeira (Alemtejo)
11 — O sacristão de S. Lazaro
12 — Primavera
13 — Rainha Santa — (pertence á Ex.ma Sr.a D. Amelia Gomes)
14 — Canal de S. Gregorio — Veneza
15 — Interior — Atelier
16 — Lagar d'azeite
17 — Estudo
18 — Luar sobre a Laguna — Veneza
19 — Efeito de luz

20 — Narcisos
21 — A apanha das laranjas
22 — Turquel — Macieiras
23 — Praia do Koch (Belgica)
24 — Estudo ao ar livre
25 — Nazaré — Sol de manhã
26 — Vista de Paris (Montmartre)
27 — Pinheiros (Mafra)
28 — Um canto de Veneza
29 — As couves e o milho
30 — Veneza — Palacio do Tintoretto — (tempera)
31 — Efeito de luar (Veneza)
32 — Serenata na Laguna
33 — Esquisso da «Ala dos Namorados»
34 — O Palacio da Ventura (Antero de Quental)
35 — O cavador (estudo)
36 — Nu ao ar livre (estudo)
37 — Natureza morta
38 — Natureza morta
39 — Estudo
40 — Missa campal em Aljubarrota (esquisso)
41 — Estudo (interior d'atelier)
42 — Nu ao ar livre
43 — Ponte Fantasma (pertence ao Sr. Carlos Ahrends)

44 — O beijo (pertence ao Sr. Carlos Ahrends)
45 — As Ondinas (Heine)
46 — Interior de S. Marcos (pertence ao Sr. Carlos Ahrends)
47 — A Quinta de Fez (pertence ao Sr. Carlos Ahrends)
48 — Sol de Verão (pertence ao Sr. Carlos Ahrends)
49 — A janela do pateo (pertence ao Sr. Carlos Ahrends)
50 — Bruges (pertence ao Sr. Carlos Ahrends)
51 — Para a comunhão (pertence ao Sr. Carlos Ahrends)
52 — Canal grande (Veneza) (pertence á Ex.ma Sr.a D. Amelia Gomes)
53 — Manhã — Laguna — Veneza — (pertence á Ex.ma Sr.a D. Amelia Gomes)
54 — Bruges (pertence á Ex.ma Sr.a D. Maria Caldas)
55 — Estudo para o retrato de Columbano
56 — Retrato de Francisco Carneiro
57 — Retrato do Sr. F. Lacerda
58 — Retrato da Ex.ma Sr.a D. M. A.
59 — Retrato da Ex.ma Sr.a D. I. L.
60 — Auto-retrato

61 — Retrato da Ex.ma Sr.a D. A. G.
62 — Retrato da Ex.ma Sr.a D. A. G.
63 — Retrato do general Avellar Machado
64 — Retrato do general Castello Branco
65 — Retrato do Sr. M. Vieira Natividade
65-A — Retrato do Sr. Alvaro Possolo
65-B — Retrato de Rodrigo Lopes d'Oliveira
65-C — Retrato da Ex.ma Sr.a D. E. da S. e O.
66 — Veneza (efeito de tarde)
67 — Veneza — pertence ao Sr. Antonio Andrade
68 — Pôr do sol sobre o Arno (Florença)
69 — As rendeiras de Bruges (pertence á Ex.ma Sr.a D. Amelia Gomes)
70 — O eirado de S. Pedro — pertence a Affonso Lopes Vieira
71 — Manhã de Veneza
72 — As tabernas sôbre a laguna — Veneza — pertence ao sr. Antonio de Oliveira Mourão
73 — Um dia de chuva — Veneza
74 — Uma restea de sol na cozinha
75 — Veneza
76 — Canal de Bruges
77 — Veneza
78 — Um canto de Chioggia

79 — Uma serenata em Veneza
80 — S. Marcos, Veneza (estudo de mosaico)
81 — Ponte Vecchio — Florença
81-A — Lisboa — pertence ao sr. Dr. Vicente Arnoso
82 — Veneza (grande canal)
83 — Veneza (pertence ao Sr. Dr. Alvaro Possolo)
84 — La Calle de las Sierpes — Sevilha
85 — Veneza
86 — Sobre o Mediterraneo
87 — Estudo (Praia da Nazaré)
88 — No Parc Monceau
89 — Estudo (efeito de noite) (pertence ao Sr. Dr. Alvaro Possollo)
90 — Outono (Versailles)
91 — As varinas descarregando sal — Lisboa — Pertence ao sr. Antonio de Oliveira Mourão
92 — A vinha — Outono
93 — Veneza — Grande Canal
94 — Palacios de Veneza
95 — Uma onda — Nazaré
96 — Dia de sol — Nazaré
97 — Bruges (pertence ao Sr. Alfredo Serra)
98 — Efeito de luar — Nazaré
99 — Estudo para o «Cirio»

100 — Veneza (Sol-posto sobre a laguna)
101 — Impressão de tarde na Nazaré
102 — S. Pedro d'Alcantara
103 — Veneza — Grande Canal
104 — Turquel (estudo para o «Cirio»)
105 — Nazaré (pertence á Ex.ma Sr.a D. Amelia Gomes)
106 — A varanda do Poeta (Pertence a Affonso Lopes Vieira)
107 — Efeito de luar — Nazaré — (pertence ao Sr. Alfredo Serra)
108 — Veneza
109 — Villa Borghése (Roma)
110 — Laranjal — Estremoz
111 — Tapada de Mafra (Outono)
112 — Nazaré
113 — Praia do Koch — Belgica
114 — Manhã sobre a laguna — Veneza
115 — Na Normandia — Por do sol
116 — Moiraria (Lisboa)
117 — Trecho do mar — Nazaré
118 — Turcifal — O moinho do Pancas
119 — Estudo d'atmosfera
120 — Nazaré, tarde
121 — Bruges
122 — Saida dos barcos (Nazaré)
123 — Chioggia

124 — Dia de chuva (Veneza)
125 — Turquel
126 — Evora d'Alcobaça
127 — Veneza — Grande Canal — Adquirido pelo dr. José de Figueiredo
128 — Turcifal — Tarde
129 — Arredores de Napoles
130 — Nazaré — Pôr do sol
131 — Moinho do Martelo (Turquel)
132 — Sobre o Tibre (Roma)
133 — As três chagas (Bruges)
134 — Interior de S. Marcos
135 — Veneza
136 — Porta da Escola Politecnica — Lisboa
137 — A minha rua (Turquel)
138 — Le Moulin Rouge (noite)
139 — Chaville (Primavera)
140 — Bruges
141 — Bruges
142 — Veneza (ao alvorecer)
143 — Veneza
144 — Estudo para o «Cirio»
145 — A bordo do *Hilary*
146 — Jogando a bordo
147 — Um enterro em Veneza
148 — Champigny — pertence ao sr. Antonio Thomaz dos Santos Junior

149 — Florença
150 — Bruges
151 — As cabrinhas do Luxemburgo
152 — Noite em Veneza
153 — Grande Canal (Veneza)
154 — Bruges
155 — A vinha (outono)
156 — Trianon (Versailles)
157 — Uma procissão
158 — Estudo para o « Cirio »
159 — Margens do Marne
160 — Almoço de *Rapins*
161 — Rua de Bruges
162 — Janela (Flandres) (pertence ao Sr. Carlos Ahrends)
163 — Bruges (pertence ao Sr. Carlos Ahrends)
164 — Versailles (pertence ao Sr. Carlos Ahrends)
165 — Manhã — Veneza
166 — Manhã (Ilha de S. Giorggio) (Veneza) — pertence ao sr. Antonio dos Santos Junior
167 — Canal — Veneza — Adquirido pelo sr. Alberto de Figueiredo
168 — Veneza
169 — Veneza

170 — Praia da Nazaré (Pôr do sol)
171 — Festa de Jeanne d'Arc (Compiègne)
172 — A nossa casa — Bruges
173 — Bruges (Caes Verde) — pertence ao sr. Antonio Thomaz dos Santos Junior
174 — Pôr do Sol — Veneza
175 — Praça de touros (estudo)
176 — Veneza
177 — Veneza
178 — Paris (Rue Prony)
179 — Noite (Veneza)
180 — A la Gindecca (Veneza)
181 — Versailles (outono)
182 — Efeito de lua (Veneza)
183 — Trocadero
184 — Em Montmartre
185 — Manhã (Veneza)
186 — Pôr do sol na laguna (Veneza)
187 — Tourada na Nazaré
188 — Veneza (pôr do sol)
189 — No Lido (Italia)
190 — Pôr do sol (Veneza) — pertence ao sr. Antonio Thomaz dos Santos Junior
191 — Pateo de Veneza
192 — Canal (efeito de luar)
193 — Torreão do Louvre

194 — Veneza — pertence ao sr. Antonio Thomaz dos Santos Junior
195 — Manhã na laguna (Veneza) Adquirido pelo sr. Antonio d'Andrade
196 — La Cà d'Oro (Veneza)
197 — Roma (O Forum)
198 — Na laguna, efeito d'atmosfera (Veneza)
199 — Chiesa de la Salute (Veneza)
200 — Compiègne (Festa de Jeanne d'Arc)
201 — Pôr do sol (Veneza)
202 — Manhã de nevoa
202-A — Ao luar (Veneza)
203 — Pôr do sol (Giudecca)
204 — Uma ponte (Veneza)

DESENHOS

205 — Estudo para o retrato de Cormon
206 — Estudo para o retrato de Maurice Barrès
207 — O Satiro
208 — Rindo
209 — Cabeça de artista (Alex. Ghasne)
210 — Um Oriental
211 — Estudo para uma agua-forte

212 — Estudo
213 — Estudo
214 — Estudo
215 — Estudo
216 — Estudo
217 — Uma francesa
218 — Estudo
219 — Estudo
220 — Estudo
221 — Paris (ruinas da Guerra)
222 — Os companheiros d'atelier
223 — Dançarina
224 — Holandesa
225 — Croquis
226 — Estudo
227 — Estudo
228 — Estudo
229 — Estudo
230 — Projecto para um quadro
231 — Na trincheira
232 — Um concerto na Salpétrière
233 — Vista da minha janela
234 — St. Laurent (Paris)
235 — Notre Dame (Paris)
236 — Hospital Canadiense (Concerto aos feridos)
237 — Alemtejo

238 — Soubrette
239 — Hollandeza
240 — Um comico (concerto na Salpétrière)
241 — Notre Dame de Paris (et Jeanne d'Arc)
242 — Estudo para um quadro
243 — Estudo
244 — Uma laranjeira (estudo)
245 — Estudo
246 — Estudo
247 — Ramo de laranjeira
248 — Um pateo em Avila (Espanha)
248-A — Estudo para agua-forte, retrato de Carlos Ahrends
248-B — Estudo para agua-forte, retrato de Antonio d'Andrade

AGUAS-FORTES

249 — Retrato de Cormon
250 — Retrato d'Alexis Ghasne (da Opera Comica)
251 — O Satyro
252 — Paisagem
253 — Cabeça de rapariga egipcia
254 — Um Oriental
255 — Um carro de bois

256 — A vereda do moinho
257 — O moinho velho
258 — A Lavoura
259 — A Capela
260 — As peixeiras (Nazaré)
261 — Riso de Bacante
262 — Estudo
263 — Retrato d'Emile Verhaeren

ESCULTURA

264 — Retrato de minha Mãe
265 — Retrato de Luciano Freire

A Exposição estará patente ao publico ás terças e sextas-feiras. Nos restantes dias o producto das entradas reverterá a favor da Cruz Vermelha.